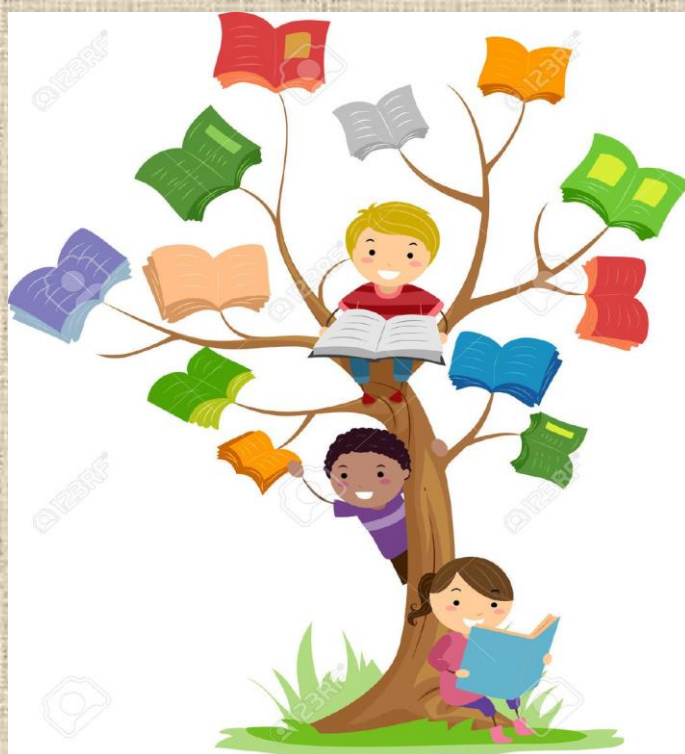


CADERNO PEDAGÓGICO

NARRATIVAS MITOLÓGICAS E FORMAÇÃO DE LEITORES

MARIA LUCIENE DE MOURA





UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



MARIA LUCIENE DE MOURA

NARRATIVAS MITOLÓGICAS E FORMAÇÃO DE LEITORES

ORIENTAÇÃO: Prof. Dr. Alberto Roiphe Bruno

São Cristóvão/SE

2019

APRESENTAÇÃO

Prezado professor,

Este *Caderno* é resultado de uma intervenção pedagógica realizada com alunos do 7º ano do Colégio Estadual Professor Antônio Fontes Freitas, da cidade de Nossa Senhora do Socorro (SE), durante o período de 15 de outubro a 23 de novembro de 2018. A intervenção teve como principal objetivo promover a ampliação da competência leitora dos alunos, desenvolvendo a habilidade interpretativa, com foco na figurativização e nos aspectos míticos, literários e temáticos predominantes nas narrativas “Eco e Narciso” e “Cupido e Psiquê”, de Ana Maria Machado (2013), e “Teseu, o ateniense”, de Claude Pouzadoux (2001).

O presente material fundamenta-se na linha de pesquisa “Teorias da Linguagem e Ensino”, insere-se na área de concentração “Linguagens e Letramentos” e é direcionado a estudantes das séries finais do Ensino Fundamental (EF). Também se destina a obtenção do título de mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) que visa à capacitação de professores de Língua Portuguesa da rede pública e à consequente melhora da qualidade da educação básica brasileira.

Agora, com o objetivo de auxiliar a prática docente de outros colegas, disponibilizamos neste material a sequência de ações executadas em sala de aula, antecedida de uma pequena introdução teórica que norteou a construção da proposta pedagógica e seguida das orientações para o desenvolvimento de cada etapa e suas possíveis variantes. São práticas que buscam contribuir com o desenvolvimento e ampliação das habilidades de leitura, por meio da linguagem literária e das especificidades do gênero mito.

Tem-se, assim, professor, uma proposta de leitura mítico-literária pronta, mas não acabada, por isso, passível de alterações e adaptações que podem variar de acordo com o público-alvo e com os propósitos de ensino/aprendizagem que deseja estabelecer. Esperamos que faça bom proveito!

Um abraço!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
Caminhos teóricos para a proposta de leitura mítico-literária	4
1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA	9
2 AÇÕES DIDÁTICAS	11
2.1 I Etapa: Construindo saber: O gênero mito e a Mitologia Grega	11
2.2 II Etapa: O literário no mítico: o processo de figurativização e metaforização nos textos mítico-literários.....	12
2.3 III Etapa: Temas X Figuras: a figurativização temática em cena	14
2.4 IV Etapa: Aprofundando o saber: análise crítica-interpretativa das narrativas	17
2.5 V Etapa: Criação mítico-literária: o Registro do saber fazer	19
2.6 Encerramento do projeto: exposição dos textos produzidos.....	22
3 PALAVRA FINAL	23
REFERÊNCIAS	24

INTRODUÇÃO

Caminhos teóricos para a proposta de leitura mítico-literária

A perspectiva mais crítica de ensino de língua, defendida nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs), segundo Santos (2007, p. 174):

[...] apresenta a leitura e a escrita de textos como a base para a formação do aluno, mostrando que a língua não é homogênea, mas um somatório de possibilidades condicionadas pelo uso e pela situação discursiva. Assim o texto é visto como unidade de ensino e a diversidade de gêneros deve ser privilegiada na escola.

Como os PCNs (BRASIL, 1998), a *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2017) assume uma perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem e toma o texto como unidade básica de trabalho, centralizando-o. Também considera o uso significativo da linguagem e sua contextualização para melhor compreensão, atrelando as atividades de leitura, escuta e produção de texto:

Na esteira do que foi proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem. (BRASIL, 2017, p.63)

A proposta de letramento literário de Cosson (2016) possui orientações similares a essas, visto que postula que o ensino da literatura seja centrado no texto para que o aluno possa experienciar o mundo por meio da palavra, ampliando seu repertório cultural, refletindo sobre si mesmo e os seres/povos que o cercam, encontrando, com isso, o prazer estético do dizer literário, na medida em lê o texto. Desta forma, privilegia-se a fruição e o valor estético da obra em detrimento do conhecimento teórico-crítico sobre a obra e a literatura e sobre os saberes e conhecimentos que a prática da literatura proporciona, mudando assim o rumo do ensino da literatura em sala de aula.

Pautando-se nessas teorias, entendemos que o texto deve ser a base do ensino/aprendizagem, porque é por meio dele que materializamos o discurso, conforme defende Marcuschi (2002), motivado pelas ideias de Bakhtin e Bronckart, ao firmar que “é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *gênero*, assim como, é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum *texto*” (MARCUSCHI, 2002, p. 22, grifos do autor). Isso significa que a concretização de nossas falas, pensamentos e discursos se dá na

materialização de textos com funções e características específicas, os quais são chamados gêneros textuais, ou, gêneros do discurso. Porém, conforme acrescenta Azeredo (2007, p. 40):

Os gêneros textuais [...] não são apenas os meios apropriados às nossas intenções e finalidades comunicativas segundo as diversas práticas sociais; do ponto de vista de quem fala ou escreve, eles são expressões de papéis sociais aos quais dão legitimidade; do ponto de vista do ouvinte ou leitor, eles fornecem uma primeira pista para uma adequada atribuição de sentido.

Por isso, a seleção deles para o trabalho em sala de aula deve estar de acordo com os objetivos de ensino/aprendizagem previamente traçados. A respeito disto, os PCNs orientam que se selecionem os textos que, por suas características e usos, possam “favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada” (BRASIL, 1998, p. 24), para que, assim, melhor contribuam também com o:

[...] desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas. (BRASIL, 2017, p. 63).

Diante do exposto, encontramos nos mitos um gênero favorável ao desenvolvimento de todas essas competências e habilidades prescritas tanto pelos PCNs, quanto pela BNCC e por Cosson (2016), daí a sua seleção para o desenvolvimento de nossa sequência didática (SD).

A palavra “mito” provém do grego “mythos” e na acepção atual tem sentido de “narrativa”, “fábula”, “ficção”, “invenção”. Já para as sociedades arcaicas ou primitivas, o mito era designado como “história verdadeira” e de grande valor por seu caráter sagrado, exemplar e significativo. Porém, segundo Eliade (1972), não há uma definição exata do que é mito porque ele se refere a uma realidade cultural complexa que pode ser abordada e interpretada por diferentes e complementares perspectivas. No entanto, o autor considera a definição menos imperfeita, por ser a mais ampla, a de que “o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’” (ELIADE, 1972, p. 9, grifos do autor), sendo esta história algo que realmente aconteceu ou se manifestou plenamente na crença ou visão daquele povo.

São muitas as vertentes de estudo do mito, assim como são muitos os conceitos de mito que vão, desde o mito como “materialidade do desconhecido” (VASCONCELOS DA SILVA; RAMALHO, 2007, p. 241), “metáfora da potencialidade espiritual do ser humano” (CAMPBELL, 2016, p. 24), “linguagem não-discursiva, densamente povoada de imagens” (CASSIRER apud RUTHVEN, 2007, p. 93), até o mito como “literatura que cobre o natural com o sobrenatural” (CHASE apud RUTHVEN, 2009, p. 73) ou como simples “fábula”, “história fictícia”, na visão popular. Sendo que, cada conceito nasce de acordo com a abordagem (antropológica, psicológica, histórica, literária, sociológica etc.) feita do mito.

Porém, em nosso trabalho, tomamos o mito didaticamente numa visão literária, como um texto narrativo com função, composição e características específicas que trata “literariamente” das crenças de um determinado povo, de temas da existência humana, de fenômenos naturais e de seres sobrenaturais do imaginário desse povo, explorando-os, conforme as teorias simbolistas que “analisam os mitos como representações simbólicas, ou seja, formas diversas de expressão de pensamentos, culturas e visões de mundo”. (VASCONCELOS DA SILVA; RAMALHO, 2007, p. 249).

Desse modo, compreendemos que, mesmo que o mito e/ou o mítico figure muitas vezes como um discurso, uma potencialidade, uma expressão verbal do rito/ritual apenas, as narrativas míticas, ou seja, os mitos, assim como temos acesso contemporaneamente nos livros, são tratados como um gênero discursivo ou textual (literário). Pois, segundo Souza e Feba (2011, p. 183-184):

[...] os mitos, como narrativas do discurso oral se aproximam dos gêneros a que Bakhtin (1988 apud Dolz e Schneuwly 2004) chama de primários, todavia como as narrativas escritas da literatura incorporam as primeiras e transformam-se em gêneros secundários, sendo mais complexificados; instrumentos de enunciação, dialogia, de formação e de pensamento, as narrativas míticas tornam-se, também, fundamentais ao processo de apropriação da língua, vista em seu uso e valor social e não como sistema.

Em se tratando de narrativas míticas, a comunidade literária considera mitologia aquele mito mais artisticamente acabado, desprezando as outras formas como mero barbarismo. Neste caso, “os mitos são tidos como obras de literatura, em virtude de serem obras da imaginação, reconhecidamente anônimas e coletivistas, mas não por isso menos imaginativas” (RUTHVEN, 2010, p. 72). Para os defensores deste ponto de vista, “estruturalmente a metáfora é a base comum ao mito e à literatura”, rendendo discussões, inclusive, acerca de quem deu origem a quem: a metáfora ao mito ou o mito à metáfora. Já, de acordo com Ruthven (2010, p. 73) ainda, os afetivistas relacionam mito e literatura

defendendo o argumento de que ambos possuem “os mesmos fascínios de oratória” e, em função disso, tocam os leitores pelo trabalho imaginativo com as palavras, gerando poder.

A leitura e compreensão desses textos mítico-literários requerem, portanto, atitudes diferenciadas uma vez que falam sobre o mundo e nós mesmos de maneira singular, numa linguagem alegórica, isto é, metafórica e carregada de “suposições”, “significações ocultas” e “subentendidos”, visto que a alegoria “é uma ficção que representa um objeto para dar ideia de outro ou, mais profundamente, ‘um processo mental que consiste em simbolizar como ser divino, humano ou animal uma ação ou uma qualidade’ ” (BRANDÃO, 1986, p. 35), abrindo-nos ora para reflexões profundas sobre a vida e o mundo, ora para a fruição estética, graças ao rearranjo de palavras, na medida em que nos humaniza. Esse caráter humanizador da literatura, segundo Candido (1995, p. 176), decorre da complexidade de sua natureza linguística e social que se distingue em três faces:

- (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado;
- (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e visões do mundo dos indivíduos e dos grupos;
- (3) ela é uma forma de conhecimentos, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.

De acordo com Cosson (2016), é por possuir essa função humanizadora que a literatura deve manter seu espaço na escola, porém, precisa mudar o rumo de sua escolarização, promovendo o letramento literário, isto é, o trabalho em sala de aula com a leitura efetiva dos textos literários, prezando pela fruição estética, mas também pelo compromisso com o saber literário. Por isso, formula e apresenta as três etapas que guiam sua proposta de letramento literário:

- a) a antecipação: que é anterior à leitura e, portanto, consiste em várias operações de previsões sobre o texto, levando em conta tanto os objetivos de leitura quanto os elementos que compõem a materialidade do texto, como a capa, o título, o número de páginas, entre outros.
- b) a decifração: que é a leitura entendida como a decodificação das letras, palavras e sentidos. Entra-se no texto e quanto maior o domínio do código maior é o poder e agilidade de decifração.
- c) e a interpretação: esta tem seu sentido restrito às relações estabelecidas pelo leitor quando processa o texto, através das inferências e do conhecimento do mundo.

Por meio da interpretação o leitor negocia o sentido do texto, em um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. A interpretação depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Interpretar é dialogar com o texto

tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido. (COSSON, 2016, p. 40-41)

Para o autor, com o cumprimento dessas três etapas é realizado o primeiro estágio do processo de leitura. E foi esse primeiro estágio que pretendíamos que os alunos da turma selecionada realizassem de forma completa com a execução do nosso projeto de intervenção. Pois, no geral, os alunos estagnam na etapa da decifração, isto é, limitam-se ao campo da decodificação, sem ao menos fazer a antecipação ou chegar à interpretação.

Para alcançar uma interpretação adequada, focamos também na figurativização dos textos mítico-literários, pautando-se no que Fiorin (1998, p. 24) afirma sobre os textos figurativos e temáticos: “o componente básico dos textos figurativos é a figura, enquanto os dos não-figurativos são os temas”, porém nos textos predominantemente figurativos “o discurso figurativo é a concretização do discurso temático”. Sendo assim, ler e compreender um texto figurativo de forma eficaz e profundamente exige, sobretudo, a apreensão do(s) discurso(s) temático(s) que subjaz(em) a ele.

Assim, a proposta interventiva de ampliação da competência leitora, aqui detalhada, foi elaborada a partir do estudo conjunto dos elementos da narrativa, das especificidades da linguagem mítica e literária, dando ênfase à relação figura-tema que se realiza no enredo pelos elementos cênicos, pela caracterização e ações das personagens, para possibilitar o diálogo entre ficção e realidade (dos alunos), durante as leituras. Segundo Brait (1985), apesar de personagem e pessoa não poderem ser confundidas, há uma intrínseca relação entre elas para se criar a realidade ficcional por meio da linguagem, sendo esta, portanto, a maneira “[...] que o homem inventou para reproduzir e definir suas relações com o mundo” (BRAIT, 1985, p. 12), sobretudo nos textos literários. Deste modo, apreender o tema por meio dos elementos figurativos das narrativas mítico-literárias não somente ajuda na interpretação dos textos como também possibilita o encontro do leitor com ele mesmo e com o mundo.

1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Anteriormente à aplicação da sequência didática (SD) abaixo, deve haver a apresentação do projeto de trabalho, esclarecendo os objetivos a serem alcançados e a importância da intervenção pedagógica para ampliação das habilidades leitoras dos alunos.

Quadro síntese da sequência didática desenvolvida

CONSTRUINDO O SABER: O GÊNERO MITO E A MITOLOGIA GREGA		
ETAPAS	ATIVIDADES	TEMPO
1. Levantamento do conhecimento prévio dos alunos	Indagação oral sobre “o que é mito”; Registro na lousa das respostas apresentadas; Síntese oral das definições do Mito, seguida do estabelecimento da definição adotada no trabalho.	3h/aula
2. Introdução ao gênero mito;	Explanação do conteúdo Mito: conceito, função e características; Exposição de imagens de seres mitológicos de diferentes mitologias.	
3. Contextualização da Mitologia Grega;	Discussão oral sobre a criação do mundo; Leitura do mito “A criação do mundo” de Claude Pouzadoux (2001); Exibição dos vídeos “A verdadeira história da mitologia grega” e “Mitologia Grega: a criação do universo”; Exposição dos nomes dos deuses olímpicos e seus correspondentes romanos.	
4. Fixação da aprendizagem	Elaboração de cartazes	
O LITERÁRIO NO MÍTICO: O PROCESSO DE FIGURATIVIZAÇÃO E METAFORIZAÇÃO NOS TEXTOS MÍTICOS-LITERÁRIOS		
ETAPAS	ATIVIDADES	TEMPO
1.Motivação	Dinâmica com imagens e compartilhamento dos sentidos produzidos;	2h/aula
2. Leitura de textos não literários e do mito “Eco e Narciso”	Leitura de textos não literários sobre o eco e a flor de narciso e do mito “Eco e narciso”; Registro e compartilhamento das leituras;	
3. Linguagem literária X linguagem não literária	Aula expositiva a cerca das características predominantes da linguagem literária e da linguagem não literária.	2h/aula
4. Interpretação, registro e compartilhamento	Releitura do mito “Eco e Narciso” para construção dos sentidos; Resolução de atividade escrita.	
TEMAS X FIGURAS: A FIGURATIVIZAÇÃO TEMÁTICA EM CENA		
ETAPAS	ATIVIDADES	TEMPO
1. Motivação	Exposição de imagens de diversos super-heróis; Discussão sobre as características essenciais a um	

	herói.	
2. Leitura silenciosa e coletiva do mito	Leitura individual do mito “Teseu, o ateniense”, de Claude Pouzadoux (2001), seguida de leitura coletiva em voz alta.	2h/aula
3. Primeira Interpretação	Compartilhamento em grupo das leituras e registro escrito.	
4. Reforço nos conceitos de figura e tema; Releitura do mito	Retomada dos sentidos de figuras e temas na narrativa, seguida da releitura do texto.	3h/aula
5. Segunda Interpretação	Aplicação de jogo de cartas para relacionar as figuras aos temas.	
6. Compartilhamento e registro	Compartilhamento oral dos sentidos construídos; Registro escrito.	
APROFUNDANDO O SABER: ANÁLISE CRÍTICA-INTERPRETATIVA DAS NARRATIVAS		
ETAPAS	ATIVIDADES	TEMPO
1. Motivação	Discussão oral, por meio de questões motivacionais, para antecipar a temática do mito “Cupido e Psiquê”, de Ana Maria Machado (2013).	2h/aula
2. Leitura coletiva	Leitura em voz alta da narrativa.	
3. Análise crítica-interpretativa dos mitos lidos	Retomada oral e comparativa dos enredos e das temáticas dos mitos explorados anteriormente; Registro escrito das análises produzidas.	
4. Aprofundando a interpretação crítica	Roda de conversa sobre temas cotidianos, identificados nas narrativas míticas.	1h/aula
CRIAÇÃO MÍTICO-LITERÁRIA: O REGISTRO DO SABER FAZER		
ETAPAS	ATIVIDADES	TEMPO
1. Registro final	Aplicação do jogo “Labirinto mítico-literário”	2h/aula

Durante o encerramento da proposta, devem ser compartilhadas as produções finais dos alunos, desenvolvidas na última etapa.

2 AÇÕES DIDÁTICAS

No primeiro encontro deve ser apresentado à turma o projeto, expondo a justificativa e os objetivos traçados para a aplicação da proposta interventiva, as etapas de execução e a forma de desenvolvimento das aulas, por meio de um “bate-papo” descontraído, atrelado à exposição de slides explicativos, caso possível. É importante que se ressalte também, ao longo deste encontro, a importância da leitura na vida de todo cidadão e a necessidade de aquisição e ampliação das habilidades de leitura e compreensão/interpretação de textos para o pleno desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

2.1 I Etapa: Construindo saber: O gênero mito e a Mitologia Grega

Caro professor, esta primeira etapa serve para inserir os alunos no mundo mítico, apresentando-lhes o gênero, sua função e características, a partir dos conhecimentos prévios dos próprios alunos sobre mitologias diversas e, especificamente, a mitologia grega. Em razão disso, sugere-se que se inicie a aula perguntando “O que é mito?” e, na medida em que os alunos forem falando, registrem-se na lousa as respostas apresentadas. A partir destas, discorra sobre as possíveis definições para o termo e ressalte a que será adotada durante as aulas de leitura mítica. Em seguida, projete em slides imagens de seres mitológicos de diferentes mitologias (como a grega, a nórdica, a brasileira, entre outras) e pergunte se eles conhecem, de onde conhecem, dando tempo para que revelem mais dos seus conhecimentos prévios sobre o assunto. Diante da empolgação certa dos alunos, aproveite para explicar o conteúdo Mito, privilegiando sua função primitiva e atual e suas principais características, além de retomar o conceito adotado e explicar o termo “mitologia”.

DICA: Caso a escola não disponha de datashow para projeção das imagens e do conteúdo, imprima o material e inicie, elevando as imagens, uma a uma, para os alunos, na medida em que se questiona o que sugerimos anteriormente. Depois, distribua o conteúdo impresso e comece a explanação oral.

Num outro momento da aula, lembre que o ponto central ou inicial dos mitos e das mitologias é o mistério da origem do mundo e da vida humana e, em sequência, abra discussão sobre a criação do mundo questionando, por exemplo, “Como surgiu o mundo? De onde viemos?” e deixe que os alunos expressem suas visões. Após a breve discussão, informe que o propósito da aula é apresentar a origem do mundo mitológico na versão dos gregos

antigos e, em sequência, distribua cópias do texto “A criação do mundo”, de Claude Pouzadoux (2001) para uma primeira leitura silenciosa, seguida de uma leitura em voz alta.

Como textos complementares, sugerimos a exibição dos vídeos “A verdadeira história da mitologia grega”, do *Canal História & Cultura* (2015) e “Mitologia Grega: a criação do universo”, produzido por Sato (2010), que se encontram disponíveis no site Youtube. Depois, induza os alunos a expressarem oralmente as semelhanças entre as visões que eles conhecem da origem do mundo e a visão mitológica apresentada no texto e nos vídeos. Para encerrar a aula, comente sobre a relação entre a mitologia grega e a romana e apresente os nomes dos deuses gregos e seus correspondentes romanos, enfatizando a representatividade de cada um. Faz-se necessário o fornecimento desse conhecimento prévio porque as narrativas de Ana Maria Machado usam termos gregos e romanos para nomear os personagens mitológicos.

Para finalizar a etapa e fixar a aprendizagem, recomendamos a confecção de dois cartazes como registro: um cartaz com a definição adotada, função e principais características dos mitos, e outro com os nomes dos deuses olímpicos gregos e seus correspondentes latinos para que sejam afixados na parede da sala, durante as aulas, e consultados pelos alunos sempre que necessário.

2.2 II Etapa: O literário no mítico: o processo de figurativização e metaforização nos textos mítico-literários

Nesta etapa, professor, objetiva-se promover o contato dos alunos com fundamentos mítico-literários, a partir da leitura e análise de textos não literários e do mito “Eco e Narciso”, na versão de Ana Maria Machado (2013). Intenciona-se, com isso, também levar os alunos a identificar as diferenças entre texto literário e não literário, pautando, didaticamente, nas características linguísticas predominantes nesses textos para facilitar a leitura, compreensão e interpretação das narrativas míticas de um modo geral. Por isso, propomos que se comece a aula com uma dinâmica motivacional para as leituras a serem realizadas.

Distribua aleatoriamente imagens da flor de narciso, de um espelho, de uma caverna, de um lago e, em seguida, peça para que os alunos olhem a imagem, sem mostrar aos colegas, e escrevam o que ela representa para eles. Feito o proposto, os alunos devem revelar as imagens analisadas e compartilhar com os colegas os sentidos construídos, um após o outro, justificando-se. Ao fim dessa motivação e dos esclarecimentos sobre as leituras realizadas, distribua os textos não literários para uma leitura silenciosa. Depois, de forma oral, pergunte aos alunos sobre o que tratam os textos, que temas abordam e qual a relação deles

com as imagens. Ouvidas as respostas, entregue o terceiro texto para leitura, o mito “Eco e Narciso”, acompanhado do questionário abaixo. O intuito desse registro escrito, antes do compartilhamento oral dos sentidos construídos, é direcionar o olhar do leitor ao nosso próximo objetivo: tratar das características predominantes do texto literário, estabelecendo um paralelo às características comuns do texto não literário. Essa atividade pode ser realizada também apenas de forma oral, caso não veja necessidade do registro escrito, colega professor.

ATIVIDADE

Após a leitura dos textos I, II e III, responda:

1. Podemos afirmar que o texto III trata dos mesmos temas abordados no texto I e no texto II? Justifique-se.
2. Os textos I e II têm a mesma função e estrutura composicional do texto III? Explique-se apontando as semelhanças ou diferenças notadas na construção dos textos.
3. Os elementos/imagens, vistos anteriormente na dinâmica, estão presentes em qual dos textos? O que eles representam na narrativa?

Em prosseguimento, a fim de ressaltar a figurativização construída para explicar a origem do eco e da flor narciso, retome oralmente a história mítica, sintetizando seu enredo, e sequencialmente promova o compartilhamento das respostas dadas às questões anteriores. A partir daí, aproveite para fazer as ponderações sobre algumas das características predominantes da linguagem literária — subjetiva, ficcional, metafórica, verossímil, figurativa etc. —, enumerando uma a uma na lousa e contrapondo à linguagem não literária: objetiva, real, direta, temática etc. Os textos lidos até então devem servir de suporte e exemplificação para esclarecer cada característica elencada.

Depois de pontuada a diferença didática entre a linguagem literária e a não literária, propomos a releitura do mito em voz alta, e a realização da compreensão e interpretação com base em suas características míticas e literárias. A atividade pode, primeiro, ser feita individualmente e por escrito, para depois serem compartilhados e incrementados os sentidos construídos, ou de forma oral e coletiva, a depender da disposição dos alunos e professor-mediador. Como a narrativa *Eco e Narciso* foi explorada anteriormente, sobretudo, para tratar das características da linguagem literária, é importante que se penetre também na obra de uma maneira diferente, explorando-a por outros aspectos, como sugere Cosson (2016), para de fato promover a leitura literária, por meio da interação texto, leitor e comunidade.

Como sugestão de atividade, temos o seguinte questionário:

ATIVIDADE SOBRE “ECO E NARCISO”

1. Que elementos na narrativa caracterizam esse texto como um mito?
2. Ele busca explicar a origem de quê?
3. Qual é a característica mais marcante dos personagens Eco e Narciso?
4. Essas características contribuíram para o destino “trágico” das personagens? Por quê?
5. De que forma as deusas interferiram no destino das personagens?
6. Há uma música do Caetano Veloso em que se afirma que “Narciso acha feio tudo que não é espelho”. Após conhecer a história de Narciso, como você explica essa afirmativa?
7. Analisando o comportamento das personagens, que aprendizado você tira dessa história?
8. Que temas podem ser levantados e discutidos a partir da leitura da narrativa “Eco e Narciso”? Marque as opções adequadas:
 - () fé
 - () inveja
 - () amor não correspondido
 - () violência
 - () culto exagerado à beleza
 - () devastação das florestas
 - () vingança
 - () egocentrismo

2.3 III Etapa: Temas X Figuras: a figurativização temática em cena

Professor, a partir desta etapa, privilegiamos a leitura e interpretação dos textos com foco na figurativização (FIORIN, 1998), isto é, no uso de figuras, elementos concretos para referenciar um tema. O desenvolvimento das atividades também passa a ser em grupo, por isso os alunos devem decidir previamente suas equipes.

Logo no início da aula, os estudantes devem ser organizados em pequenos grupos, para que se aplique a seguinte motivação: apresentar imagens de diversos (super-)heróis em slides, perguntando de quem se tratam, de onde conhecem e, no final, o que eles têm em comum, para que os alunos antecipem/descubram o assunto central da narrativa a ser explorada. Em seguida, sugerimos que se discutam estas questões: Que características são essenciais a um herói? Qual é o papel/função do Herói: lutar por si mesmo ou pela

coletividade? Ele é autossuficiente, isto é, não precisa da ajuda de outros seres para vencer as batalhas? Qual o seu/a sua super-herói ou super-heroína preferido/a? Por quê?

DICA: aqui também, caso a escola não disponha de datashow, pode-se trabalhar com imagens impressas em tamanho grande.

Posteriormente à motivação, entregue cópias do texto “Teseu, o Ateniense”, de Claude Pouzadoux (2001), para uma leitura silenciosa, seguida de uma leitura em voz alta. Durante esta, recomendamos que cada grupo leia um dos capítulos e que o professor mediador ressalte aspectos relevantes sobre o enredo, ao final de cada parte lida. Após as leituras, como registro das primeiras impressões sobre o texto, orientamos a aplicação de uma atividade escrita a ser, primeiro, debatida e respondida pelos membros dos grupos e, depois, compartilhada coletivamente.

Sugestão de atividade:

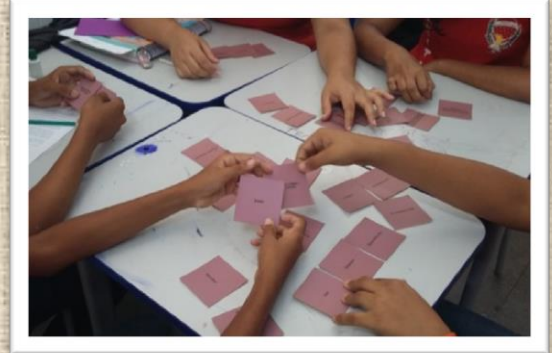
I ATIVIDADE SOBRE “TESEU, O ATENIENSE”

1. O texto é literário ou não literário? Justifiquem-se.
2. De que forma a história do personagem principal foi construída/apresentada?
3. Enquanto texto mítico, a narrativa faz referência a fatos históricos e geográficos para explicar a origem de um mar e de uma ilha. Que ilha e mar são esses?
4. Vocês já tinham ouvido falar nesse mar ou nessa ilha? Se sim, como? Onde?
5. Em algumas partes da narrativa, Teseu é chamado de herói. Destaque as ações, feitos de Teseu que o caracterizam como um herói para vocês.
6. De que parte da história vocês mais gostaram? Por quê?

Numa outra aula, peça para que os alunos montem os mesmos grupos e, em seguida, explique que aplicará um jogo de cartas, deixando claro que a atividade resulta em relacionar “as figuras” aos seus significados, de acordo com o contexto do mito de Teseu, e que se tem o objetivo de aprofundar a interpretação e efetuar uma leitura para além “das linhas” do texto.

Após o fim do jogo, faz-se necessário mediar o compartilhamento coletivo das relações efetuadas pelos grupos, sendo que estes devem justificar os sentidos relacionados e

atribuídos à narrativa. É importante, professor, que na medida em que se vá fazendo as devidas “correções” e ponderações sobre o texto, tendo as cartas do jogo como guia, enfatizem-se os aspectos narrativos, temáticos, míticos e literários predominantes no texto para ampliar as interpretações realizadas pelos alunos.



O QUE PODE CONSTAR NAS CARTAS:

- ❖ Egeu e Etra= o cuidado e a proteção.
- ❖ O par de sandálias e a espada= maturidade, força e preparo para enfrentar o seu destino, além de sinal de identificação de quem ele é (Teseu, filho do rei de Atenas).
- ❖ Os bandidos Perifetes, Sínis e Procusto= os primeiros obstáculos, desafios enfrentados pelo herói a caminho de Atenas que, ao serem vencidos, serviram para aumentar sua fama.
- ❖ A taça de vinho envenenada = perigo de morte
- ❖ O tributo das sete moças e dos sete rapazes= um acordo de paz, isto é, um sacrifício para manter a cidade de Atenas protegida dos ataques do rei Minos.
- ❖ As velas negras içadas= sinal de luto, morte.
- ❖ As velas brancas içadas= sinal de vitória.
- ❖ O Minotauro= aquilo que é abominável, terrível, monstruoso, por isso deve ficar isolado, escondido.
- ❖ O labirinto= a escuridão, a desorientação, o estar-se perdido, sem rumo ou direção.
- ❖ O novelo de fio branco/ o fio de seda= representa a guia, o direcionamento, “a luz no fim do túnel”.
- ❖ Dédalo= a inteligência e a perspicácia.
- ❖ Ícaro= a ingenuidade, a imprudência.
- ❖ Os pares de asas= a liberdade, ou, o desejo de liberdade.
- ❖ O deus Dioniso = o consolo, o prêmio de Ariadne.
- ❖ Teseu= a força, a coragem, a bravura.
- ❖ Ariadne= a bondade, a solidariedade, a esperteza.

DICA: o número de cartas pode variar, a depender do propósito de leitura, assim como o foco pode ser dado a outros elementos da história. É interessante também que as cartas de cada grupo tenham uma cor diferente para facilitar a distribuição, conforme o modelo disponibilizado em anexo.

Como atividade final da etapa, propomos o registro escrito (que deve ser compartilhado posteriormente) sobre a questão adiante para saber até onde os alunos compreenderam efetivamente a proposta trabalhada:

II ATIVIDADE SOBRE “TESEU, O ATENIENSE”

01. Você recomendaria a leitura desse texto para um(a) amigo(a)? Por quê? Justifique-se, ressaltando os pontos positivos ou negativos do texto, a depender de sua resposta anterior, e dizendo o que a leitura dele pode trazer como ensinamento ou vantagem. Além do que mais desejar acrescentar.

2.4 IV Etapa: Aprofundando o saber: análise crítica-interpretativa das narrativas

O objetivo principal aqui é promover uma leitura crítica-interpretativa dos textos, ao comparar e relacionar as histórias lidas ao longo da intervenção, após leitura e análise do mito “Cupido e Psiquê”, de Ana Maria Machado (2013). Entende-se como leitura crítica aquela “que alia a leitura mecânica com a de mundo, numa postura avaliativa, perspicaz, tentando descobrir intenções, comparando a leitura daquele momento com outras já feitas, questionando, tirando conclusões.” (SILVA, 2009, p. 24)

Para isso, a aula deve ser iniciada com a motivação para a leitura do mito “Cupido e Psiquê”. A intenção, professor, é que, além de introduzir e motivar a leitura, se promova uma reflexão sobre determinados comportamentos humanos a partir das seguintes questões: 1. Qual é o maior e mais importante sentimento do mundo? 2. Que obstáculos podem ser encontrados na luta pelo amor? 3. Alguém pode morrer de inveja? Se sim, pelo quê? 4. Curiosidade mata?

Depois de ouvir as respostas dos alunos e pontuar o que for necessário, entregue o texto para a leitura silenciosa e, em seguida, realize a leitura em voz alta e com bastante entonação para que os alunos acompanhem atentamente e reflitam sobre as prováveis questões a serem levantadas mais adiante e sobre as que já foram discutidas anteriormente. De modo oral e como forma de recapitular a narrativa, você pode interrogar os alunos sobre elementos narrativos e aspectos míticos e literários evidenciados no texto.

Após esse conhecimento da história, instigue os alunos a relembrem das narrativas anteriores, pedindo para que alguns deles apresentem oralmente uma síntese dos enredos. A partir dessa ação, compare as histórias, estabelecendo um paralelo entre elas, na medida em que salienta as histórias de amor e os feitos heroicos vividos e/ou realizados pelos personagens Eco, Narciso, Teseu, Ariadne, Cupido e Psiquê.

Como registro, sugerimos a aplicação da atividade a seguir:

ATIVIDADE SOBRE “CUPIDO E PSIQUÊ”

1. Por que a deusa Vênus não gostava de Psiquê?

2. O que Vênus incumbiu Cupido de fazer? E o que de fato aconteceu?

3. Informe as principais características (psicológicas) destas personagens:

Vênus=
Cupido=
Psiquê=
As irmãs de Psiquê=
Ceres=

4. O texto busca explicar a origem de quê?

Comparando os mitos analisados até aqui, responda:

5. De acordo com a leitura dos mitos, que sentimentos podem ser autodestrutivos?

- a) O medo e a ganância;
- b) A raiva e a desobediência;
- c) A inveja e o egoísmo;
- d) O orgulho e o amor.

6. Em quais dos mitos o êxito das personagens ocorre graças a atos de amor e solidariedade?

- a) “Eco e Narciso” e “Teseu”;
- a) “Cupido e Psiquê” e “Teseu”;
- c) “Cupido e Psiquê” e “Eco e Narciso”;
- d) Nos três mitos.

7. Segundo o que é exposto nas narrativas “Eco e Narciso” e “Cupido e Psiquê”, possuir beleza extrema tem suas desvantagens. Explique o porquê.

8. Que sentimentos/attitudes levaram os personagens Eco e Narciso a terem um final menos feliz que os outros personagens?

- () Inveja
- () Individualismo
- () Ódio
- () egoísmo
- () amor
- () Falta de amor próprio
- () Vingança
- () solidariedade

9. Podemos concluir dos textos que:

- a) Deve-se viver e lutar pensando unicamente em si mesmo(a) para alcançar a felicidade.
- b) Os obstáculos e dificuldades que se impõem ao longo da vida, quando vencidos, possibilitam o amadurecimento do ser humano.
- c) Os sentimentos de inveja e vingança ajudam o ser humano a amadurecer e ser uma pessoa melhor.
- d) O amor e a solidariedade devem prevalecer nas relações humanas para que o mundo seja melhor.

10. De que narrativa você mais gostou? Por quê?

Por fim, tomando as questões anteriores como base, e em uma roda de conversa, ressalte o caráter verossímil das obras mítico-literárias e leve os alunos a relacionarem as histórias dos personagens a vivências e situações, fatos reais, discutindo temas do cotidiano para dar, assim, maior significância à leitura mítico-literária.

2.5 V Etapa: Criação mítico-literária: o Registro do saber fazer

Nesta última aula, a proposta é que os alunos criem um mito como forma de colocar em prática tudo o que foi aprendido nas aulas decorridas. Para realização de tal feito, aconselhamos a aplicação do jogo “labirinto mítico-literário”, conforme a descrição feita logo abaixo.

APRESENTAÇÃO DO JOGO

O jogo “Labirinto mítico-literário” corresponde a uma “atividade fim”. Essa atividade tem como principais objetivos a verificação da aprendizagem dos assuntos e conteúdos mítico-literários, tratados ao longo do desenvolvimento da proposta interventiva; retomar as características principais dos mitos explorados anteriormente; motivar os alunos à escrita de um novo mito, na medida em que se fornecem os elementos constitutivos dessa nova história, ao longo do percurso no labirinto. Apesar de a proposta interventiva estar voltada para a leitura, a produção escrita final servirá para que o aluno compreenda o processo de construção dos sentidos do texto durante os atos de pensar, planejar e produzir o texto, para que, assim, facilite também o processo de compreensão no ato da leitura.



Para aplicação do jogo deverão ser utilizados: um tabuleiro, figurando um labirinto, preenchido com números de 1 a 20, dispostos aleatoriamente ao longo dos possíveis caminhos para a saída; canetas coloridas, que servirão como o “fio de Ariadne”; 20 cartas com perguntas sobre as narrativas e direcionamentos para a construção de um mito; envelopes com orientações para entrada e saída do labirinto; e dados para estabelecer a ordem em que cada participante jogará. O jogo poderá ser realizado com grupos de dois a quatro jogadores, a depender da quantidade de alunos que houver na turma.

ORGANIZAÇÃO DO JOGO

Os alunos devem ser organizados em equipes com, no máximo, quatro integrantes, para somente depois serem distribuídos os materiais necessários para aplicação do jogo: tabuleiro, canetas coloridas, dados, cartas e envelopes. Cada grupo deve receber materiais idênticos para que todos comecem a jogar na mesma hora e se estabeleça a competição entre eles, membros do grupo, e entre os grupos. A quantidade de material a ser utilizado será definida de acordo com a quantidade de alunos por turmas e de quantos grupos serão formados em sala de aula. Neste caso, faz-se necessário um conhecimento prévio da turma para definição da quantidade exata do material a ser providenciado.

Após a distribuição das peças do jogo, deve ser esclarecido que a disputa ocorrerá tanto de forma interna, entre os jogadores, como externa, entre os grupos; por isso, terão duas categorias de vencedores: o individual em cada equipe, aquele/a que mais contribuiu, arquitetou para encontrar a saída, e o grupo que primeiro desenvolveu o texto e chegou à saída do labirinto. Portanto, é um jogo que requer simultaneamente um trabalho coletivo, mas esperteza de cada jogador individualmente para que se beneficie e ajude ao grupo ao mesmo tempo.

REGRAS DO JOGO

Com as peças do jogo em mãos, é hora de começar a jogar. Então, vamos às regras:

Primeiro, os grupos devem definir a ordem em que cada participante jogará, lançando o dado. A ordem será estabelecida da maior a menor pontuação retirada.

Em seguida, o participante que jogará primeiro fará a leitura do envelope de entrada para o grupo, a fim de que pensem nas estratégias e atitudes necessárias ao entrarem no labirinto. Neste momento, o professor/mediador deve tomar a palavra e dirigir-se a todas as

equipes para reforçar, relembrar as características essenciais a um herói na luta diária em prol de si mesmo e do bem coletivo, a partir da pergunta proposta no envelope. Esta é uma motivação para o grupo seguir adiante com coragem, estratégia, sabedoria, unindo forças e pensando no coletivo para que alcancem êxito.

A cada lance, um jogador deve parar diante do número que encontrar no caminho e ler a carta para o grupo. Se for pergunta, deve se direcionar ao próximo jogador da rodada e efetuar a pergunta. Caso o jogador a quem foi dirigida a pergunta erre ou não saiba responder passará a vez para o próximo e a questão será debatida pelo grupo, já que precisarão do conhecimento levantado para auxiliar na produção do texto. Caso seja direcionamento para a escrita, todos poderão ajudar na execução do que for proposto. Caberá a cada equipe definir as estratégias de escrita do texto. O professor/mediador deverá intervir somente se houver desordem ou desrespeito entre os jogadores.

As cartas estarão numeradas de 1 a 20, conforme a disposição dos números no labirinto, e dispostas numa mesa com a numeração virada para cima. Somente poderão ser desviradas quando um dos jogadores escolher o caminho que passe pelo número correspondente. É obrigatório que se pare a cada número encontrado no caminho, pegue a carta, leia e execute o que for solicitado.

Como os números estão dispostos aleatoriamente em caminhos certos e errados, terão



jogadores que poderão traçar caminhos errados e perder a chance de jogar, ou pouco contribuir para a chegada à saída, perdendo assim a oportunidade de serem vencedores da categoria individual. Ganhará nesta categoria quem traçar mais estratégias corretas durante o percurso, deixando a marca predominante da cor de sua caneta no

labirinto. A verificação será feita, ao fim do jogo, pelo professor.

Todos os grupos devem percorrer o labirinto até o fim para que a atividade de produção seja realizada. Porém, o grupo que chegar primeiro à saída com todas as etapas propostas executadas será o vencedor do jogo. No entanto, o jogo só acabará quando todos os grupos encontrarem a saída do labirinto e produzirem o texto, estabelecendo-se, assim, segunda, terceira, quarta, quinta, e sucessivas colocações.

A aplicação do jogo, além de motivar os alunos a escreverem brincando, proporcionará um momento de reflexão e de debate sobre as leituras realizadas, sobre a função e estrutura do texto mítico-literário, assim como poderá despertar a consciência da necessidade de cooperação e união durante o trabalho coletivo de escrita da narrativa para que se alcance êxito no jogo.

VARIANTES: a proposta de produção textual pode ser apresentada apenas no final do jogo, sendo sua realização a “tarefa-chave” de saída do labirinto, ou pode ser excluída totalmente da brincadeira. Neste caso, configurar-se-á tão somente numa atividade lúdica de revisão; devendo, portanto, constar no percurso só cartas com perguntas relacionadas às narrativas lidas e à função e características dos mitos. A variação, ou não, professor, dependerá do foco de sua proposta pedagógica.

2.6 Encerramento do projeto: exposição dos textos produzidos

Por meio de um evento culminativo, o encerramento da intervenção pedagógica pode ser feito com a exposição e compartilhamento dos mitos criados entre os alunos e para alunos de outra(s) turma(s), acompanhado de um lanche especial.

3 PALAVRA FINAL

A sequência didática apresentada pode ser adaptada para séries e propósitos diversos de leitura literária, pois os objetivos traçados de tornar as aulas de literatura mais significativas e de ampliar a competência leitora dos alunos podem ser estabelecidos para todas as séries do Ensino Fundamental. Os conhecimentos prévios sobre o gênero a ser explorado (conto, fábula, romance, crônica etc.) e sobre as especificidades da linguagem literária também são essenciais antes de toda e qualquer leitura literária, pois entender o processo de construção do texto e da linguagem auxilia nos atos de compreensão/interpretação, registro e compartilhamento dos sentidos construídos em comunidade.

A seleção das narrativas a serem exploradas também pode estar de acordo com os propósitos temáticos de leitura pré-estabelecidos por você, professor. Fazendo a escolha por outras narrativas ou outro gênero literário, basta adaptar os jogos e atividades aos objetivos de leitura e à série/idade dos alunos que tudo funcionará a contento, visto que a compreensão do processo de figurativização é essencial para a boa leitura de qualquer texto literário.

Então, observe que há muitas possibilidades de adaptação da proposta como um todo, que vão desde a mudança das narrativas, passando pela redução/alteração do número de registros, até à exclusão de alguma das etapas, se assim desejar.

Em relação aos jogos, necessita-se apenas que se modifique o conteúdo das cartas. Tudo é aplicável e adaptável, basta identificar os problemas pontuais de leitura de seu aluno e estabelecer, previamente, os propósitos de ensino/aprendizagem que se deseja alcançar.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. A quem cabe ensinar a leitura e a escrita? In. PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (orgs.), Maria Aparecida Lino. **Da Língua ao Discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 1985. Disponível em <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/brait-b-a-personagem.pdf>> Acesso em 13 nov. 2017.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega: Volume I**. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1986.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPBELL, Joseph. **Mito e Transformação**. São Paulo: Ágora, 2008.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Tradução de Carlos Felipe Moises. 31ª ed.- São Paulo: Palas Athenas, 2016.

CANAL HISTÓRIA E CULTURA. **A verdadeira história da Mitologia Grega**. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VS222Hv_vNo. Acesso em 20 dez. de 2017.

CANDIDO, Antonio. O Direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3ª ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972. Disponível em <<file:///D:/LIVROS/ELIADE,%20M.%20Mito%20e%20realidade.pdf>> Acesso em 02 dez. 2017.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. 6ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1998. Disponível em <<file:///D:/LIVROS/fiorin-j-linguagem-e-ideologia.pdf>> Acesso em 22 dez. 2017

LEWIS, C.S. Tradução de João Luís Ceccantini. Sobre o Mito. In: **Um experimento na crítica literária**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MACHADO, Ana Maria. **Histórias Greco-Romanas**. 2ªed. Porto Alegre: Edipucrs, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria auxiliadora (Orgs). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

POUZADOUX, Claude. **Contos e lendas da mitologia grega** / Ilustrações de Frédérick Mansot; tradução de Eduardo Brandão. — São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

RUTHVEN, K.K. Tradução de Esther Eva Horivitz. **O Mito**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SATO, Thiago. **Mitologia Grega: a criação do universo**. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lEnyvhc8JM&t=370s>>. Acesso em 20 dez. de 2017.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2003;

SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (Orgs.). **Leitura Literária na Escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011)

TERRA, Ernani. **Leitura do Texto Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

VASCONCELOS DA SILVA, Anazildo; RAMALHO, Christina. **História da epopeia brasileira: teoria, crítica e percurso**. Volume 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.